

LEITURA DE TEXTO DO REPRESENTANTE ELEITO PELA CDU NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CONDEIXA-A-NOVA, MIGUEL PESSOA, NA SESSÃO COMEMORATIVA DO 44º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

da autoria de António Borges Coelho publicado no Jornal Artes e Letras de Abril de 2014, sob título

Na balança da Europa

No meio século da Ditadura, alguns portugueses, muito poucos, viveram no melhor dos mundos possível. O Sol não deixou de brilhar em boa parte dos dias. Houve festas, paradas, procissões. E também muito atraso económico, social, cultural e Ditadura: censura, bufaria, prisões sem culpa formada, assassinatos na rua, em casa, na tortura ou no Tarrafal, Campo da Morte Lenta. E resistência legal e clandestina, levantamentos armados, guerras.

Olhando mais de perto. Nos campos a vida escoava-se longe e devagar. As ruas das aldeias eram de lama. A ida às feiras ou às finanças para pagar as décimas fazia-se a pé descalço. À entrada calçavam-se as socas.

A televisão a preto e branco chegou muito tarde.

Lá fora, no mundo, sucediam-se as guerras, as crises, as revoluções, os desastres, mas era lá fora; cá dentro protegia-nos a paz do nada.

Tomava-se banho numa bacia de lata. Para lavar a cara e as mãos havia o lavatório de ferro. A água vinha da fonte, à cabeça, num recipiente, o caneco. No caneco, entrava o púcaro que servia a panela, o jarro do lavatório ou matava a sede.

A mãe cozinhava, lavava, passava a ferro, remendava, cozia, alinhavava, tricotava. A função da mulher era servir o marido.

A fome rondava as casas de pedra, as cabanas e barracas dos mais pobres. Enganavam a fome com figos secos, castanhas piladas, bolotas. Repartia-se uma sardinha.

Os patrões escolhiam os trabalhadores mais robustos. A Guarda não se coibia, quando era preciso dar o exemplo, de usar o cavalo-marinho ou queimar com cigarros acesos o corpo dos sem terra. A reforma obrigava os velhos a calcorrear os caminhos de mão estendida e engolando padre nossos.

Sobravam os analfabetos. No ensino primário, a régua e a cana-da-Índia eram instrumentos de trabalho como o quadro, a ardósia ou a pena de molhar no tinteiro. Nas aldeias e vilas, para obter o ensino médio, recorria-se ao estreito corredor do seminário. E o Ensino Superior era para os ricos e para os estratos médio altos. As meninas não precisavam de tanto.

No dia-a-dia, olhávamos por cima do ombro para descobrir quem calcava os nossos passos. Entravas no café. Cuidado com o homem do jornal. Milhares de

legionários, de membros do partido único, de informadores, de pides, de velhacos vigiavam e escutavam com denodo.

De madrugada, as brigadas da PIDE podiam rebentar a tua porta e entrar de pistolas em punho. Mandato judicial? Estás a brincar. Se eras “político” fechavam-te dias e meses nas gavetas do Aljube. Daí saías, de madrugada, por uma Lisboa deserta, para os espancamentos e a “estátua” na António Maria Cardoso. Os “juízes” do Tribunal Plenário vinham depois condenar servindo-se dos processos instruídos pela PIDE. Cumprida a pena, as medidas de segurança prolongavam-te a prisão, por tantos períodos de três anos, quantos a polícia ordenasse. O juiz assinava de cruz.

Naqueles dias a principal saída era a emigração.

As mães ficavam às portas das casas a chorar alto até que a camioneta vencesse a curva.

Na década de 60 rebentaram as guerras coloniais. E os nossos mortos começaram a chegar numa “caixa de pinho”. À televisão vinham, em fila, os soldados: “Adeus, até ao meu regresso!” Começou uma emigração nova, a dos jovens que fugiam da guerra e a dos que a contestavam. Estava aberta a caixa de Pandora. No país crescia o descontentamento social e a oposição legal e clandestina.

É a este mundo fechado que os catequistas do empobrecimento, do *deficit*, dos cortes, dos ajustamentos, da austeridade pretendem que regressemos? Intentam voltar ao país “pobrete e nada alegrete / baú fechado com um aloquete”, de que fala Alexandre O'Neill?

Na madrugada do 25 de Abril, o Movimento das Forças Armadas derrubava o poder estabelecido e em comunicado, dirigido aos portugueses, pedia que ninguém saísse de casa. Saíram em massa. E saltou a tampa do baú. Uma semana depois, as manifestações do 1º de Maio sagravam a Revolução. As armas enfeitadas com os cravos vermelhos correram e agitaram o mundo. Mas nada estava consolidado.

A massa do povo aderiu à revolução. Mas, abertamente e na sombra, organizava-se uma oposição civil e armada para a suster. A febre queimava. Sentia-se no destapar e descobrir dos corpos. Não houve família, rua, quartéis, fábricas, universidades que escapassem ao sopro escaldante da liberdade.

Os Governos provisórios, patrocinados pelo MFA, reconheceram a independência das colónias portuguesas e normalizaram as relações com todos os países. A Liberdade quebrou na rua as cadeias e as mordças. Multidões enchiam os estádios, as praças, o Terreiro do Paço.

A Assembleia Constituinte aprovou uma Constituição que restabelecia juridicamente as liberdades fundamentais, entre elas a liberdade de eleger e destituir, pelo voto, os governos; e estabeleceu o poder local democrático. O povo votou em massa.

Nas décadas que se seguiram, Portugal mostrou uma nova face, mais lavada, mais confortável, mais culta. Cuidou da beleza das cidades e da gente. A Educação caminhou para o ensino universal e obrigatório. Abriram-se largamente as portas das Universidades. O Serviço Nacional de Saúde estendeu os seus cuidados aos cidadãos das cidades e do interior. A Ciência, as Letras e as Artes conheceram picos de esplendor e grandeza. Alguns portugueses projetaram-se no Mundo.

A adesão ao Euro tornou o dinheiro fácil e barato. Os bancos vinham trazê-lo a casa com juros a pataco. Saía mais barato importar que produzir. Arrancaram-se olivais e vinhedos, rasgaram-se auto-estradas, construíram-se estádios modernos. O futebol é um espetáculo bem mais fascinante do que o pão e o circo dos romanos.

Em 2008 a Europa foi varrida pelo vendaval do colapso financeiro. Apanhounos em cheio. Trouxeram-nos a Troika e o programa de resgate.

Depois, como num ritual satânico, cortaram os salários e as reformas, liberalizaram os despedimentos, aumentaram o tempo da jornada de trabalho. Os jovens não conseguem emprego? Emigrem. Reformados e funcionários públicos tornaram-se o alvo da caçada que a todos atinge.

Escapam os que vivem lá em cima.

A política da austeridade apressa a morte dos velhos, fragiliza a vida dos jovens, condena ao abandono o país interior. Que Portugal é este que não promove a gravidez das suas mulheres? Porque não lhes dá condições para sustentar os seus filhos? Ah, Europa! Os países grandes comem e mandam nos pequenos.

A rotura com a política da austeridade e empobrecimento é essencial e inevitável. Alguém terá que dar o exemplo à Europa. Ou os governos mudam de política ou serão os povos a mudá-la.